

15-

SAMORA MACHEL

**VENCEREMOS
TAMBÉM HOJE
O INIMIGO
DE SEMPRE**



31

coleção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL

**VENCEREMOS
TAMBÉM HOJE
O INIMIGO
DE SEMPRE**



31

coleção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

INTRODUÇÃO

No dia 24 de Dezembro de 1984, o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Moisés Machel, orientou um comício popular em Manhíça, província de Maputo. É o discurso então proferido pelo dirigente máximo da Revolução Moçambicana — discurso feito de improviso e estabelecendo constante diálogo com a população, ao jeito habitual do Presidente Samora — que agora é editado em brochura.

O ponto fundamental desta importantíssima intervenção foi o da definição do inimigo. Quem é hoje o inimigo? Quem agride o nosso país, sabota a nossa economia, assassina o nosso Povo, desde a Independência Nacional? Que interesses e que personalidades se ocultam por detrás das acções criminosas, bárbaras, primitivas, dos bandidos armados? Foi a estas questões que o Camarada Presidente quis responder, com toda a clareza, no comício da Manhíça. E a resposta, exacta e inequívoca, foi: o inimigo que hoje combatemos, sob a forma dos bandidos armados, é o mesmo que combatemos ontem, quando éramos agredidos directamente pelos regimes minoritários da Rodésia e da África do Sul, quando de armas na mão lutávamos contra o colonialismo português.

Quem, hoje, arma o braço criminoso do bandido são precisamente aqueles que ontem exploravam e oprimiam o nosso Povo e que, com a conquista da Independência, fugiram em debandada — para se reagruparem e reorganizarem no exterior. Os bandidos armados não são mais do que o instrumento das forças retrógradas, reacçãoárias, antipopulares e anti-históricas que sonham ainda com a reconquista das posições perdidas, aspiram ainda à recolonização de Moçambique. E os aliados

dessas forças são hoje, naturalmente, os mesmos que no passado as apoiavam e lhes permitiam fazer guerra ao nosso Povo.

A República da África do Sul continua — como disse o Camarada Presidente — a ser o «chefão», o responsável principal pelos bandidos armados. O cumprimento rigoroso, pela África do Sul, do Acordo de Nkomati, continua a ser a condição fundamental para o estabelecimento da paz na região.

Como salientou o Camarada Presidente no comício, seremos, também hoje, capazes de vencer os nossos inimigos de sempre. Assim como no passado, a vitória hoje é certa porque temos connosco a razão e está connosco o Povo — Povo heróico, Povo determinado, Povo que nunca aceitará o regresso daqueles que o exploravam e oprimiam.

Momento emocionante, no comício, foi quando toda a população presente — milhares de pessoas — ergueu a voz para pedir armas. Aquela mesma população que tanto tem sofrido, nos últimos tempos, com a acção do banditismo, não aproveitou a presença do Chefe do Estado para queixas ou lamentações — a única coisa que pediu foram armas, para liquidar os criminosos que têm semeado o luto, a dor, a destruição no seu seio.

Esta determinação inabalável da população da Manhica (que reflecte a do povo moçambicano do Rovuma ao Maputo) dá-nos a certeza de que o banditismo armado — rosto actual do inimigo de sempre — tem os dias contados no nosso país. Dias depois do comício, na sua mensagem de Ano Novo, o Presidente Samora Machel definiria 1985 como o ano de limpeza dos bandidos armados. Tal como no passado, a vitória e a paz nascerão do fogo das nossas armas; e os sacrificios hoje consentidos serão geradores de novas transformações, de novos avanços no caminho irreversível da revolução moçambicana e do triunfo do Socialismo na Pátria moçambicana.

Maputo, Janeiro de 1985

Vimos aqui para falarmos, em conjunto, de problemas que afectam não só o distrito da Manhiça, como também toda a província do Maputo, todo o nosso País.

Vimos, portanto, tratar de problemas que dizem respeito ao País inteiro.

Eu sei que querem dançar Makwai, que querem dançar Xingombela, não é verdade? **(É — resposta da população).**

Mas todos nós queremos também ouvir e falar sobre os nossos problemas. Queremos discutir os nossos problemas para delinear-mos a estratégia de os resolver. É ou não é? **(É!)**

O que querem que nós falemos?

Qual a nossa agenda? **(Queremos falar de tudo!)**

Tudo como quê, por exemplo?

Temos de definir a agenda, pois se não o fizermos poderemos falar durante todo o dia. Há muitos assuntos para tratar, não acham? **(Sim!)**

Então, de que vamos falar? **(Dos bandos armados!)**

E o que querem saber? Querem saber de onde vêm os bandos armados e quem são? **(Sim!)**

Os bandos armados são vossos filhos, são vossos maridos, são vossos primos. Ouviram? **(Ouvimos!)**

A nossa Independência, amigos, custou sangue. A nossa Independência alimentou-se de sangue. A nossa Independência custou milhares e milhares de vidas de moçambicanos. Ninguém queria dar-nos a Independência. Ninguém queria que fôssemos livres, que fôssemos independentes e que fôssemos um Estado soberano.

Queriam que fôssemos escravos eternos, que fôssemos sempre estrangeiros na nossa própria terra. Os colonos não diziam que éramos moçambicanos. Diziam, sim, que éramos portugueses. Diziam que «Moçambique só é Moçambique porque é Portugal».

Desde o Rovuma até ao Maputo a nossa terra estava dominada. Nenhum moçambicano podia ser administrador de um distrito. É ou não é? **(É!)**

Aqui mesmo onde nós estamos, vocês nunca podiam entrar, não é verdade? **(É!)**

Esta cidade que vocês habitam, não vos pertencia. Não podiam aqui entrar e viver. Só entravam aqui para ir à administração receber palmatória. É ou não é? **(É!)**

Quando entravam aqui, era para pagar o imposto da palhota que vocês mesmos construíam para viver. **(APLAUSOS)**.

Vocês vinham aqui algemados, para ir à cadeia. É ou não é? **(É!)**

Quando vinham aqui era para serem vendidos aos colonos, aos donos das machambas. Quando vinham aqui era para serem vendidos à Maragra. Mas alguns de vocês esqueceram-se disso tudo.

Aqui havia escolas só para brancos. Vocês eram propriedade da igreja católica romana, eram pertença dos padres. Todos os pretos, do Rovuma ao Maputo, eram propriedade da igreja católica, a sua formação dependia dos padres.

Para fazer a 4.^a classe, os moçambicanos precisavam de 6 a 7 anos e depois disso tinham que

aprender a doutrina cristã, para fazerem o baptismo e assim serem admitidos ao exame. É ou não é? (É!)

Nós só éramos autorizados a ir à escola com 10 anos de idade, e só podíamos concluir a 4.ª classe com 18 anos. Mas a maioria não chegava a concluí-la e quando atingiam essa idade eram vendidos em Maputo como criados, como moleques. A maioria era vendida nos Caminhos de Ferro, nas plantações em Namaacha, em Matutuine, na Moamba, na Manhiça, em Xinavane. É ou não é? (É!)

As nossas mulheres, as nossas mães, eram presas para irem construir estradas, para as machambas, enquanto o marido, o filho, eram vendidos para as minas da África do Sul, para os caminhos de ferro e portos de Maputo. As nossas mulheres eram transformadas em animais de carga, para puxar os cilindros que nivelavam as estradas. (APLAUSOS).

Nós não tínhamos hospitais nem maternidades. Nascíamos nas nossas palhotas em condições muito más, péssimas. É ou não é? (É!)

Os médicos não eram para nós, os enfermeiros e as parteiras não nos serviam a nós, eram para os colonos. É ou não é? (É!)

Aqui mesmo na Manhiça, o restaurante do Sr. Castro, que vocês todos muito bem conhecem, era para servir os pretos? (Não! — RISOS E APLAUSOS). Mas agora podem entrar naquele restaurante. E entram porquê? Porque agora são gente. Dantes eram animais — eram porcos, eram ovelhas, eram cabritos, eram hienas.

O regime colonial institucionalizou a polícia, a PIDE, os régulos, os sipaios, os administradores, para explorar todo o Povo moçambicano. (APLAUSOS).

Todos estes eram parte da estrutura que nos oprimia, dominava e explorava.

Em Maputo havia armazéns para guardar, para armazenar os pretos que estavam à espera de ser vendidos. As grandes senhoras, da burguesia colonial, iam a esses armazéns escolher para comprar



o preto mais gordinho, o mais esperto e mais crescido, para ser seu moleque.

Aqui mesmo, nesta reunião, há muitos participantes que foram moleques, que trabalharam em Maputo, onde recebiam 75 escudos por mês. Com esses 75 escudos tinham que pagar o imposto, comprar a sua roupa, organizar o seu futuro lar, lobolar a mulher. É ou não é? (É!)

Quem se esqueceu destas coisas? Ninguém!

Se eu pedir para levantarem os braços todos aqueles que apanharam palmatória, serão muitos os braços a contar.

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL SOLICITA QUE LEVATEM OS BRAÇOS TODOS AQUELES QUE LEVARAM PALMATÓRIA E MUITOS BRAÇOS SE ERGUEM).

Vejam quanta gente sofreu a palmatória! Até dirigentes! (APLAUSOS PROLONGADOS).

E com que culpa? Que culpa tínhamos nós? **(A culpa que tínhamos era a de querermos viver e a de sermos pretos).**

Se eu pedir para levantarem os braços todos aqueles que trabalharam nas estradas sem receberem nada, durante mais de seis meses, muitos braços se erguerão. Se quisermos ver quantos estão aqui presentes dos que foram presos pelo xibalo e algemados, dos que sofreram castigos corporais e dos que fizeram trabalhos forçados sem qualquer remuneração, veremos que, só aqui neste distrito, muitos moçambicanos estão incluídos nesse número.

Havia, em Maputo, colonos com 10 trabalhadores pretos, mas que não gastavam nem 4 contos, sequer, com o vencimento desses pretos. Porquê? Porque o máximo do vencimento que pagavam aos pretos era 300 escudos, quando se era cozinheiro ou mainato.

E esse mainato não podia viver dentro da cidade. Safa a pé, à noite, a qualquer hora, e ia para

o Chamanculo, onde vivia. Se o patrão comia às nove ou dez da noite, se tinha uma festa até às três horas da manhã, não importava: ele devia sair a essa hora e caminhar a pé até Lhanguene, até Minkadjuíne, para no dia seguinte estar presente às 5 horas da manhã.

O mainato ganhava 300 escudos, pagava a renda da casa — que é uma despensa de subúrbio — comprava comida para a mulher e para os filhos, comprava o vestuário, e preparava o futuro. É ou não é? **(É!)**

Os pretos tinham de pagar o imposto, que era de 300 escudos por ano, mais 50 escudos do imposto braçal. Pagavam imposto porque andavam na estrada, pagavam o trilho que os levava à sua palhota.

Aquele tipo de gente, os colonos, podia dar-nos a Independência? **(Não!)**

E agora que estamos independentes, eles estão contentes? **(Não!)** Estão vocês então surpreendidos com os bandidos armados? **(APLAUSOS).**

E isto não acontecia somente na cidade de Maputo ou na Manhiça. Acontecia em toda a província do Maputo, em Gaza, em Inhambane, em Sofala, em Manica, Tete, Zambézia, Niassa, Cabo Delgado, Nampula. Acontecia em todo o nosso país. Todos nós estávamos acorrentados pela mesma corrente, do Rovuma ao Maputo.

Os colonos estavam presentes em toda a parte para explorar os pretos nas plantações de algodão, de açúcar, de chá, onde trabalhávamos sem receber nada. Produzíamos o açúcar, mas ninguém tomava esse açúcar, nem podíamos adoçar as papas. As parturientes comiam papas sem açúcar porque não tínhamos.

Outros eram pastores de gado, mas não podiam tomar o leite do seu gado — porque, apesar de seu, o gado não lhes pertencia.

Produzíamos o chá, mas nunca conhecemos o paladar do chá, nunca o provámos. Produzíamos o arroz, no trabalho forçado e no xibalo, mas não

conhecíamos o sabor do arroz. Não sabíamos o que era comer arroz.

Tudo isto tinha donos. O algodão, o arroz, o chá, o açúcar, a copra, o milho, que são nossos, não nos pertenciam. Eram dos colonos. E esses colonos estão contentes com a nossa Independência? **(Não!)**

As escolas neste país eram um negócio. Os hospitais, as maternidades, eram negócio em Moçambique. Os laboratórios eram fontes de enriquecimento.

Expulsámo-los. Estão eles contentes? **(Não!)**

Quando os colonos se recordam da bela vila da Manhica e quando pensam que hoje são vocês que a habitam, ficam contentes? **(Não!)**

O comboio de Maputo para Manhica não era pilotado por nenhum preto. Não havia pretos maquinistas, fogueiros ou mesmo bilheteiros. Eram só colonos portugueses.

E foram-se embora. Estão eles contentes? **(Não!)**

Não estão contentes porque sabem que são vocês os donos dos comboios, das escolas. Eles sabem que os hospitais são vossos, que a vila da Manhica é vossa.

Não estão contentes porque sabem que as estradas, as linhas férreas, os comboios, as casas, hoje são vossos.

Podem ficar contentes? **(Não!)**

Então, porque estão surpreendidos com os bandidos armados? Compreendem agora por que os bandidos vos matam? Compreendem agora quem são os donos, os fomentadores dos bandidos armados?

A Luta Continua! (Continua!)

Continua contra eles, contra os bandos e os seus patrões!

A cidade de Maputo não foi construída para vocês. Era deles, dos colonos. Aqueles prédios enormes que Maputo tem, não eram vossos. Mesmo

se algum moçambicano tivesse dinheiro, não podia alugar uma «flat» e habitar naqueles prédios.

Mas, hoje, eles foram-se embora.

Estão eles contentes? **(Não!)**

Vocês sabiam o que era um Banco? **(Não!)**

Mas hoje sabem. O que haviam de ir depositar no Banco? Amendoim? O Banco não é para depositar mandioca, amêndoa de caju, abóbora, melancia. O Banco é para depositar dinheiro. E vocês tinham dinheiro? **(Não!)**

Mas hoje têm e vão ao Banco depositar o vosso dinheiro. Sei que há muitos moçambicanos com muito dinheiro. **(Sim! Temos muito dinheiro!)**

E esse dinheiro reproduz-se lá no Banco. **(Sim, reproduz-se.)** A mandioca seca não se reproduz, apodrece.

A vila da Manhiça é pequena, e por isso são poucas as pessoas que nela habitam. Mas aqui também há aldeias comunais. Se vocês recusarem viver em aldeias comunais, os bandos armados vão caçar-vos como hienas, serão raptados sem saber como.

Se viverem desorganizados, serão levados pelas hienas, que são os bandos armados.

Aqui, na Manhiça, vinham muitos machimbombos de Gaza e de Inhambane, que iam para Maputo carregados de comida, de castanha de caju, de gado e de pretos para serem vendidos para as minas da África do Sul.

Os pretos também eram considerados gado, para serem vendidos em Maputo.

Com a proclamação da Independência, o preto deixou de ser mercadoria, passou a ser gente. A Independência acabou com o comércio dos homens.

E esta prática não se exercia apenas em Maputo. Na Beira era assim. Em Quelimane, em Namoula, em Tete, também. E todos os colonos que praticavam este negócio fugiram de Moçambique quando a Independência, a liberdade e a igualdade chegaram.



«Ao fabrica-
rem os bandi-
dos armados
os nossos ini-
migos ajuda-
ram-nos a ver
que o inimigo
não tem cor,
não tem raça,
não tem pá-
tria nem
povo»

Quando dissemos que o preto e o branco são iguais, eles fugiram.

Quando a justiça chegou, quando abolimos a palmatória e criámos o código que estabelece a igualdade para todos, quando criámos os tribunais para haver justiça e igualdade para todos, para haver julgamentos honestos — então eles fugiram.

Hoje vocês têm deputados às Assembleias do Povo. Aqui mesmo onde estamos há deputados, é ou não é? **(É!)** Havia deputados pretos, antes? **(Não!)**

Havia, sim, deputados deles, que representavam os interesses dos colonos, os interesses da exploração.

Agora temos juízes nossos, não temos? **(Temos!)** Havia juízes em Moçambique mas eram para servir a eles, aos colonos.

São estes, servidores do colonialismo, que quando a Independência chegou, fugiram para a Rodésia de Ian Smith. São estes que, quando a Independência chegou, fugiram para a África do Sul.

Os antigos donos das cantinas, das fábricas, das grandes «farms» de criação de gado, os cobradores dos impostos, os carrascos das administrações que prendiam e davam palmatória, estão ali na África do Sul. São eles que pagam aos bandidos armados e os mandam vir a Moçambique destruir as lojas, as fábricas, matar o gado e assassinar as mesmas pessoas que eles antes dominavam e oprimiam.

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL ENTOA A CANÇÃO «BOAS-VINDAS, CAMARADAS» E TODOS CANTAM).

Todos vocês estão dispostos a lutar contra o inimigo, pela defesa do país? **(Sim!)** Mas se querem lutar pelo país, primeiro que tudo devem conhecer e ter presente o que eram ontem. Se não o fizerem, não saberão valorizar o país, as conquistas da Revolução; viverão como cabritos, como animais.

É preciso reflectirmos sobre o passado, sobre o que éramos ontem, antes da Independência. É preciso recordarmos o que era cada um de nós, o que era cada habitante da República Popular de Moçambique antes da Independência.

Temos de saber o que éramos nós todos, do Rovuma ao Maputo, antes de a FRELIMO pegar em armas e combater pela conquista da Independência nacional. Como éramos considerados? **(Éramos considerados animais!)** E hoje? **(Somos gente!)**

Mas devemos ter sempre presente a nossa origem, de onde viemos e o que éramos.

Quantos séculos, quantos anos, meses, semanas, dias e horas, levámos até chegar à Independência? Podem contar? Quanto tempo levámos para sermos o que hoje somos?

Os nossos avós morreram como escravos. Os nossos avós morreram e nem têm túmulo, não sabemos onde estão enterrados. Muitos deles foram enterrados em valas comuns, em canais de irrigação das machambas dos colonos. Lembram-se disso? **(Sim!)**

E era assim do Rovuma ao Maputo. Quantas crianças morreram durante esses séculos de opressão? Quantas mulheres, velhos, homens e jovens morreram nesses séculos e anos de colonização, de dominação?

Moçambicanos de todos os cantos do País morreram para que a Pátria moçambicana se erguesse forte e muitos deles não têm túmulo, não sabemos onde estão.

Quando os moçambicanos ficavam mutilados nas minas da África do Sul, quando ficavam sem braço, sem perna, sem dedo, quando ficavam cegos, a indemnização era paga ao Governo colonial português, em ouro. A indemnização não vinha para Moçambique, para a família da vítima.

Acabámos com isso quando proclamámos a Independência. E vocês já se esqueceram? **(Não!)**

Quando morriam moçambicanos nas minas, nenhuma «compensação» era paga aos pais, às

esposas, aos filhos das vítimas. A «compensação» era enviada a Portugal, em ouro. E vocês esqueceram-se? **(Não!)**

Foi por acaso que os colonos de Moçambique fugiram para a África do Sul? Não. Fugiram para lá porque a África do Sul apoiou os portugueses na guerra contra a nossa Independência. Ouviram? **(Sim!)**

Os sul-africanos enviaram tropas suas para Cabo Delgado e Niassa, para apoiar a tropa portuguesa na guerra contra nós. Além disso, enviaram apoio logístico, como ambulâncias, rádios de comunicações, rações de combate para os soldados.

A África do Sul construiu hospitais em Nampula e no Maputo, para apoiar os soldados do exército colonial português. Enviaram aviões com desfolhantes que eram lançados nas nossas machambas, num verdadeiro acto de guerra química contra a nossa luta de libertação nacional.

Os sul-africanos enviaram também jornalistas para acompanhar o exército colonial em operações, elogiando a «bravura» dos soldados portugueses contra a luta da FRELIMO, contra a Independência.

Ian Smith, durante a nossa guerra de libertação nacional, foi a Portugal falar com Marcelo Caetano para assinar um pacto de acção conjunta contra a Independência de Moçambique.

Vencemos a todos eles. Ouviram? **(Ouvimos!)** Vencêmo-los e proclamámos o Estado da República Popular de Moçambique, contra a vontade de todos eles, contra a vontade de toda a Europa Ocidental e da NATO, que sempre apoiaram os portugueses contra a nossa Luta Armada de Libertação Nacional.

E depois de os vencermos a todos, é possível estarem contentes connosco? **(Não!)** Vencidos todos eles, estarão contentes com a nossa Independência? **(Não!)**

Queriam que nós permitíssemos a exploração, o roubo; queriam que transformássemos o nosso povo em minas de ouro, de enriquecimento para eles. Recusámos.

Por isso, quando proclamámos a Independência, esses colonos fugiram para a Rodésia do Sul, seu aliado. Os colonos de Gaza e de Maputo foram para a África do Sul, de quem sempre foram aliados.

Por outro lado, os pretos que praticaram crimes contra o povo durante a guerra de libertação nacional, aqueles que mataram crianças, que abriram as barrigas de mulheres grávidas, aqueles que assassinavam a população indefesa, esses bandidos armados fugiram também para a África do Sul, com medo da justiça popular.

Fugiram os Flechas, os Comandos, os marginais, os anti-sociais, os assassinos. Os que estavam em Sofala, Tete e Manica foram para a Rodésia do Sul, para a Rodésia de Smith, seu aliado íntimo.

Estes grupos, todos, organizaram-se na Rodésia, comandados pelos colonos seus patrões, comandados pelos Pides como Jorge Jardim, Cristina, Roxo — portugueses que sempre estiveram contra a nossa Independência.

Aprenderam a praticar crimes ainda mais odiosos contra a população; aprenderam a destruir hospitais, escolas, lojas, maternidades, fábricas. Refinaram o seu ódio contra os professores, os enfermeiros, os deputados, os administradores de distrito.

Assim começou o banditismo armado.

Mas este tipo de banditismo não é novo para nós. Conhecêmo-lo desde os tempos da Guerra de Libertação Nacional. Era este mesmo tipo de crimes que caracterizava o exército colonial português.

Depois de se reagruparem na Rodésia, estes criminosos foram infiltrados no nosso país para queimar os comboios com os passageiros lá dentro, para queimar machimbombos e os seus passageiros, para assassinar crianças, mulheres e velhos; para destruir aldeias comunais e saquear os bens da população.

Estes criminosos, pagos pelos colonos portugueses que fugiram de Moçambique, executaram o plano dos nossos inimigos.

Vocês sabem que, quando proclamámos a Independência, os nossos inimigos, os colonos portugueses, toda a Europa Ocidental, disseram que a nossa Independência só teria seis meses de vida e que eles voltariam para recolonizar Moçambique.

Eu disse já que os colonos fugiram para a África do Sul e Rodésia. E não o fizeram por acaso. Foram para esses países porque eram seus aliados, mas também porque pensavam que iam voltar muito em breve.

Os colonos de Gaza e de Maputo que foram para a África do Sul roubaram gado, tractores, equipamento das fábricas, camiões. O que não conseguiram levar, queimaram e destruíram.

Os que estavam aqui na Manhica, os donos da Manhica e de Marracuene, os proprietários de Xina-vane, os que dominavam as populações de Magude, Moamba, Namaacha, Matutuine, fugiram também para a África do Sul e aí ficaram à espera de voltar seis meses depois!

Diziam: «Vamos matar o Presidente, os Ministros, todos os membros do Governo, vamos destruir a FRELIMO e voltaremos a ser nós a mandar».

Mas eu pergunto: Como vão destruir a FRELIMO se cada um de vocês é a FRELIMO? (APLAUSOS PROLONGADOS).

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL PEDE A TODOS OS QUE SÃO FRELIMO PARA LEVANTAREM OS BRAÇOS E TODOS OS PARTICIPANTES O FAZEM).

Esta é a FRELIMO!!
Viva a FRELIMO! **(Viva!)**
Viva a FRELIMO! **(Viva!)**
Viva a FRELIMO! **(Viva!)**

Quando dizemos VIVA A FRELIMO dizemos VIVA cada habitante da República Popular de

Moçambique, dizemos VIVA cada cidadão desta República.

VIVA A FRELIMO significa VIVA cada criança de Moçambique. VIVA A FRELIMO é para cada jovem da República Popular de Moçambique. Quando dizemos VIVA A FRELIMO estamos a dizer que cada homem, cada velho e cada mulher desta terra moçambicana, é FRELIMO.

É isto que significa FRELIMO.

Em síntese, quando dizemos VIVA a FRELIMO estamos a dizer VIVA a terra moçambicana independente.

Não importa se nos dirigimos a pretos, brancos, indianos, mulatos, maometanos, protestantes, católicos romanos ou anglicanos, não importa se são pagãos — todos são FRELIMO. (APLAUSOS PROLONGADOS).

Podem ser diversas as nossas origens, mas a religião de todos nós é a FRELIMO! (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Então, como é que eles previam regressar a Moçambique depois de destruir a FRELIMO? Que lógica é esta? Como iam destruir a FRELIMO?

Como é que eles previam voltar depois de matar e destruir o Homem e a terra moçambicana? Que lógica é esta? Para onde iam regressar? Que pensamento é este: «Regressaremos depois de matarmos todos os dirigentes da FRELIMO, do Rovuma ao Maputo»?

E as nossas armas, onde estarão?

É que as nossas armas comem, alimentam-se. E comem carne, não se alimentam de mandioca ou de batata-doce. (APLAUSOS PROLONGADOS).

Quando quiserem voltar, vamos «comê-los» com as nossas armas. E eles sabem disso. É por isso que não têm coragem de vir. É por isso que compraram os vossos irmãos para virem cometer crimes em Moçambique, porque sabem que serão comidos pelas nossas armas.

As nossas armas defendem o povo, defendem o Governo e a terra moçambicana. As nossas armas

não defendem a exploração, não defendem um grupinho de pessoas. Ouviram todos? (APLAUSOS PROLONGADOS).

Que venham! As nossas armas comerão!

Que venham! Teremos carne para os nossos canhões!

Que lógica era essa de dizer que a República Popular de Moçambique só sobreviveria seis meses? Vocês querem viver muitos anos ou apenas semanas? (**Queremos viver para sempre!**) Querem governar ou ser governados? (**Queremos governar!**)

Obrigado!

Os nossos inimigos tiveram medo de voltar. Por isso arranjaram bandidos armados, recrutaram criminosos, levaram-nos para a África do Sul. E lá estes criminosos foram treinados e instruídos para virem matar indiscriminadamente em Moçambique. Ensina-ram-lhes a fumar suruma, a consumir outros tipos de droga, para melhor executarem os crimes. Depois de consumirem tantas drogas, o seu cérebro fica pequeno, como o dos macacos. Ficam pessoas anormais. E é através de pessoas deste tipo que os colonos querem regressar. Envia-nos para vir matar e querem regressar através deles para recuperar os prédios, os hospitais, as escolas, as fábricas.

E eu pergunto: Se utilizam macacos para atingir os seus objectivos, eles próprios são normais? (**Não!**)

Desde a Rodésia de Smith que mandam bandidos armados para vir matar a população em Moçambique. Agora vêm da África do Sul, também para assassinar a população. Porquê? Porque os colonos querem regressar. Querem regressar e para isso utilizam os vossos filhos, transformam-nos em macacos, em animais, em carne para as nossas armas.

Mas eles não vêm pessoalmente. Ficam lá à espera que os macacos matem para eles poderem voltar.

Querem voltar a Moçambique para participar no Governo da República Popular de Moçambique e o instrumento que utilizam para esse fim são os

macacos criminosos, são os bandidos armados, os anti-sociais e assassinos.

Estes bandidos armados são dirigidos por estrangeiros, os seus chefes verdadeiros são portugueses. Não têm chefes pretos. Quer agora na África do Sul, quer como antes na Rodésia, os chefes foram sempre portugueses.

São portugueses que abrem escritórios dos bandidos armados na Europa Ocidental, são portugueses os representantes destes criminosos no exterior. E quem são esses portugueses? São aqueles que fugiram de Moçambique, que perderam privilégios, e que hoje utilizam os bandidos armados para regressar.

E o maior escritório que abriram, a sede de onde parte a propaganda mais activa e os elogios mais destacados à «bravura, coragem e heroísmo» dos bandidos armados, é a capital da República Portuguesa, Lisboa. Porquê? Porque querem voltar.

O Governo português diz que não tem controle sobre os seus cidadãos e por isso não toma medidas. É um Governo sem controle sobre o país!...

Mas o chefe dos bandidos armados não é Portugal, é a África do Sul. Foi por isso que assinámos o Acordo de Nkomati: para que haja paz, para acabarmos com a violência.

A África do Sul é o grande chefe dos bandidos. Foi a África do Sul que criou, treinou, desenvolveu, equipou, infiltrou, abasteceu os bandidos armados. Foi a África do Sul que criou depósitos de armamento no interior do nosso território, foi a África do Sul que transportou medicamentos, comida, de avião para abastecer os bandidos armados.

A África do Sul transportou os bandidos armados e lançou-os no interior do nosso país para praticarem as suas acções criminosas. Portanto, a responsabilidade do nascimento e desenvolvimento do banditismo armado no nosso país é da África do Sul.

E qual é a nossa responsabilidade, como moçambicanos?

- É defender a nossa terra;
defender a vida de cada um de nós;
defender a nossa Independência;
defender o nosso Governo;
defender a FRELIMO;
- É desenvolver o nosso País.

Essa é a nossa responsabilidade. Mas, para isso, é preciso que matemos. Ouviram? **(Ouvimos!)**

Sabemos que alguns bandidos armados estão aqui connosco, querem ver-me, não me conhecem ... **(RISOS)**.

Portanto, recai sobre nós a responsabilidade de eliminar esses bandidos armados, porque nós conhecemo-nos mutuamente. Vocês conhecem os que assassinaram, os que mataram e que estão aqui para ouvir como os vamos matar. Mas não falaremos disso aqui. Temos lugares próprios para falar sobre como os vamos matar.

Os crimes que praticam, da Manhiça até Maputo, são cometidos por bandidos recrutados aqui mesmo na Manhiça e treinados especialmente. São os vossos filhos, não são bandidos que vêm de um outro lugar.

O que devemos fazer? **(Matá-los!)**

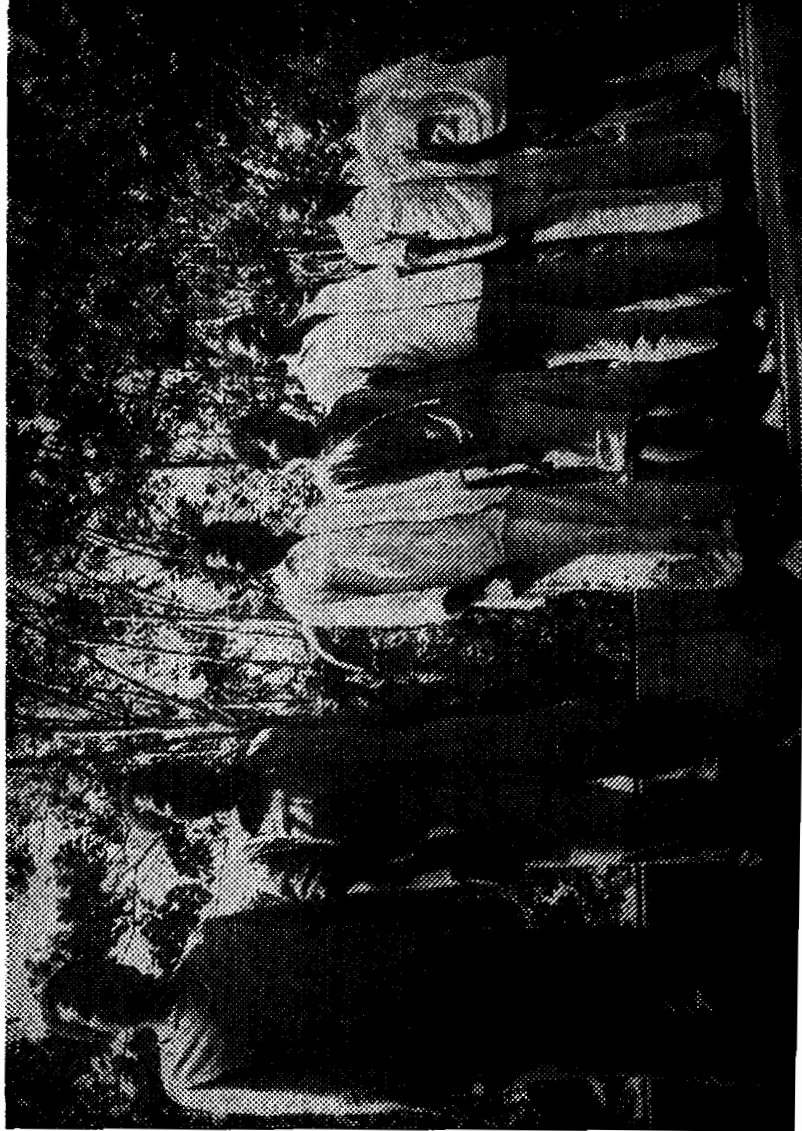
E quem vai fazer isso? **(Nós mesmos!)**

Os de Gaza mataram os bandidos armados que tinham na sua Província, ouviram? **(Ouvimos!)**

Juntaram-se, assim como estamos, numa grande reunião e fuzilaram os bandidos que tinham capturado. Depois organizaram-se e acabaram com eles.

E vocês, da Manhiça, de que estão à espera? Manhiça e Marracuene, um troço de 80 km, está infestado de bandidos armados e os comboios não circulam, os carros e vocês mesmos não se movimentam por causa deles. De que estão à espera para os aniquilar?

Estão aqui alguns bandidos armados, capturados há poucos dias, que vos vamos apresentar. Alguns deles são muito jovens, crianças mesmo, e



«Os colonos de Moçambique que fugiram para a Rodésia e a África do Sul querem regressar porque dizem que têm exército em Moçambique. E o exército deles são estes criminosos, são estes macacos»

quando lhes perguntamos quantas pessoas mataram, respondem: «Duas pessoas apenas» ...

A Luta Continua! (Continua!)
Independência ou Morte! (Venceremos!)

(APRESENTAÇÃO DOS BANDIDOS ARMADOS CAPTURADOS. O PRESIDENTE SAMORA MACHEL INTERROGA UM POR UM SOBRE A SUA TRAJECTÓRIA NAS HORDAS DO BANDITISMO ARMADO, ATÉ SEREM CAPTURADOS PELAS FORÇAS ARMADAS DE MOÇAMBIQUE (FPLM)).

A POPULAÇÃO PRESENTE REAGE FORTEMENTE, NUMA MANIFESTAÇÃO DE UM ÓDIO VIVO E INEQUÍVOCO CONTRA ESTES CRIMINOSOS).

É a estes criminosos, que vocês estão a ver, que os saudosistas do colonialismo prometeram ser ministros, ser presidentes de cada província, depois de derrubar a FRELIMO!

A Luta Continua! (Continua!)
A Luta Continua! (Continua!)

Os colonos de Moçambique que fugiram para a Rodésia e para a África do Sul, querem regressar porque dizem que têm exército em Moçambique. E o exército deles são estes criminosos, são estes macacos.

Os colonos que fugiram para a Rodésia e para a África do Sul, os saudosistas, querem regressar e participar no Governo da República Popular de Moçambique porque têm um exército com armas; e o seu exército são aqueles que ali estão.

Os colonialistas que fugiram para a Rodésia, para a África do Sul e para Portugal, depois dos Acordos de Lusaka; os terroristas do 7 de Setembro que fugiram com a bandeira portuguesa, dizem que querem regressar para formar um governo de reconciliação com a FRELIMO, porque não reconhecem

os Acordos de Lusaka. Dizem que querem voltar porque têm soldados em Moçambique, e esses soldados são aqueles animais que vemos ali.

Quem são os inimigos, quais são os alvos dos bandidos?

Os seus alvos são as populações indefesas, são as crianças, as mulheres, os velhos. O seu inimigo é a população pacífica.

Os seus inimigos são também os machimbombos que transportam o povo para circular, viajar e viver em paz.

Os seus inimigos são os comboios que circulam e transportam mercadorias, produtos da população e passageiros.

Os seus alvos são os carros que circulam nas nossas estradas. São as linhas férreas onde passam os comboios. São as linhas de transporte de energia, que faz funcionar as fábricas, as empresas.

Os seus inimigos são as condutas de água, a água que constitui a vida de todos os seres.

Os inimigos dos bandidos armados são as fábricas de açúcar, de chá, de descaroçamento de algodão, de castanha de caju.

Os saudosistas do colonialismo, os nossos inimigos, querem que o Governo soberano da República Popular de Moçambique negocie com os terroristas do 7 de Setembro, com os anti-sociais, os assassinos, para haver uma neocolonização ou uma recolonização de Moçambique.

E o Ocidente, que sempre foi aliado do colonialismo português, faz uma grande propaganda, em grandes parâmetros, de que há «guerrilha» em Moçambique. Sim, «guerrilha» contra as crianças, contra as mulheres grávidas, contra os velhos.

Que «guerrilha» é esta que mata crianças, velhos, mulheres, que queima machimbombos, palhotas com as populações lá dentro? Que «guerrilha» é esta?

Os bandidos armados têm pena de nós? **(Não!)** Então, há diferença entre os bandidos armados e os colonialistas portugueses? Mudou o nosso inimigo?

Com estas características dos bandidos, há diferença com o que fazia o exército colonial português nas zonas de guerra? Onde está a diferença?

Mesmo em Maputo, os bandidos que assassinavam as pessoas à noite, eram parte do poder colonial, eram executores de um plano estatal de crimes. Esses bandidos faziam parte da polícia e do exército colonial.

Os propagandistas dos actos criminosos e hediondos dos bandidos armados, aqueles que os fazem ecoar no Mundo, são nossos amigos? Gostam de nós? Querem que vivamos? **(Não!)**

Os nossos inimigos deram-nos um prazo de seis meses, dizendo que iam voltar. Quem são eles? Vão regressar para onde? Para quê?

Os bandidos armados foram fabricados na África do Sul para destruir o Governo de Moçambique. Mas agora queria dizer-vos que eles ajudaram-nos muito ao criarem o banditismo, ao fabricarem estes criminosos. Porquê?

Porque nós tínhamos, na nossa concepção, que o inimigo é só o branco. Não é? E isso é compreensível, porque eram eles que governavam, que nos oprimiam.

O Governo era representado pelo colonialista europeu, pelo português. E assim, ficou na nossa cabeça que só ele era capaz de praticar crimes repelentes, que só ele era capaz de explorar, dominar.

Ficou-nos marcado que só o branco, o estrangeiro, o europeu era capaz de nos fazer sofrer. E esta mentalidade estava mais fortemente implantada aqui no Sul do País, onde a Guerra de Libertação Nacional não chegou.

Ao fabricarem os bandidos armados, os nossos inimigos ajudaram-nos a ver que o inimigo não tem cor, não tem raça, não tem pátria nem povo. Ajudaram-nos a compreender que o inimigo não respeita o povo, é um agente executor do crime.

Vejam estes que aqui apresentámos! Estão a vê-los? Onde nasceram? **(Aqui no nosso distrito!)** São, portanto, vossos filhos, mas matam-vos, saqueiam os vossos bens, queimam as vossas casas, queimam os machimbombos.

O inimigo, independentemente da sua cor ou raça, vive da exploração, de imoralidade, vive de crimes. Esse é o inimigo e está ali!

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL INDICA OS BANDIDOS APRESENTADOS).

Ao criar os bandidos armados, o inimigo ajudou-nos a compreender que o nosso filho pode ser um criminoso, pode ser um assassino, pode ser nosso inimigo. É ou não é? **(É!)**

E agora, que fazer?

Os bandidos armados são piolhos da nossa sociedade. Quando temos muitos piolhos e lêndeas no cobertor, o que devemos fazer? **(Devemos matá-los!)** (APLAUSOS PROLONGADOS).

E então o que querem? **(Queremos matá-los, eles também nos matam! Queremos armas, para podermos matá-los!)**

Obrigado!

Os que não querem armas que levistem as mãos! (NINGUÉM LEVANTA A MÃO). Agora, levantem as mãos aqueles que querem armas e que estão decididos a acabar com o banditismo armado. (TODOS OS PARTICIPANTES DA REUNIAO LEVANTAM OS BRAÇOS. APLAUSOS PROLONGADOS).

Eu também estou decidido!

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL LEVANTA O SEU BRAÇO. APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Esta Pátria é uma Pátria de heróis. É, do Rovuma ao Maputo, a Pátria de um povo comba-

tente. A nossa bandeira jamais descerá, venha o inimigo de onde vier. (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Liquidaremos totalmente os bandidos armados. Vamos dar-vos armas, mas MATEM! (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

Mandaremos instrutores e armamento para treinar as populações da Manhiça e de Marracuene e prepará-las para lutar contra os bandidos armados.

A vossa tarefa é caçar os bandidos nas estradas, nos machimbombos, nos comboios, nas linhas férreas, no mato. Não lhes dêem nenhuma tréguas, MATEM! (APLAUSOS).

Cada criança, cada mulher, cada homem deve ser capaz de se defender. Mas não capturem nenhum. MATEM! (APLAUSOS MUITO PROLONGADOS).

A Luta Continua! (Continua!)
Independência ou Morte! (Venceremos!)

Era isto que vinha conversar convosco. Vinha dizer-vos quem é o vosso inimigo e como eliminá-lo!

Mas estes nossos inimigos não são de hoje. São os mesmos que combatemos para conquistar a Independência. Os bandidos armados são o prolongamento do mesmo exército, dos mesmos agentes e dos mesmos inimigos que combatemos para sermos independentes.

São os mesmos que querem ver o nosso povo sofrer, que querem ver o nosso povo viver escravo, miserável, pobre.

São os mesmos que nos querem ver sem comida, sem calçado, sem roupa, sem medicamentos, sem irmos à escola.

Criaram os bandidos armados para serem um obstáculo ao nosso desenvolvimento. Mas os verdadeiros inimigos do povo moçambicano não são estes, são outros. Os bandidos são simplesmente o gatilho da arma. A arma não são eles. O braço não são eles.



que é preciso fazer? É preciso partir este gatilho. Ouviram? Os bandidos armados não são o braço, o corpo, o cérebro dos actos que praticam. Os cabecilhas estão na África do Sul, em Portugal. Os verdadeiros terroristas estão lá, não querem vir aqui. Mandam estes bandidos, dando-lhes munições, minas, granadas, armas, para praticarem os crimes que eles planificam. Depois de os executarem, são estes que vocês estão a ver, que mandam as notícias para Portugal, a dizer que destruíram carros, que mataram pessoas. E essas notícias são amplamente difundidas.

A Luta Continua! (**Continua!**)
Abaixo o neocolonialismo! (**Abaixo!**)
Viva o Povo moçambicano! (**Viva!**)
Viva o Povo moçambicano unido do Rovuma
ao Maputo! **Viva!**)
Viva a República Popular de Moçambique!
(**Viva!**)
Viva a República Popular de Moçambique!
(**Viva!**)

A Luta Continua! (**Continua!**)
Independência ou Morte! (**Venceremos!**)

(O PRESIDENTE SAMORA MACHEL PROCEDE À APRESENTAÇÃO DA DELEGAÇÃO QUE O ACOMPANHA).

Amigos,

Agradecemos a vossa presença e a vossa atenção, apesar do sol tórrido que se faz sentir. Todos vós — crianças, meninas, senhoras, jovens, velhos, homens — estão aqui ao sol, não arredando pé, e isso demonstra a vossa determinação, a vossa coragem e a vossa força.

A vossa presença aqui, em massa, demonstra a vossa grande organização e a vossa grande deter-

minação de lutar e vencer. Estarem aqui demonstra a confiança que depositam no Partido Frelimo, no Governo e nas nossas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Estarmos juntos, horas a fio, ao sol, demonstra que vocês têm confiança no futuro. O futuro, para vocês, é promissor, é radioso, é belo.

Por isso, estão aqui para discutir os problemas que nos afectam, não só na Manhica, mas no país inteiro.

Estão aqui para discutir o futuro da Pátria moçambicana, para discutir como consolidar o amor que vocês têm pela vida. Isso demonstra que vocês sabem que a luta pela conquista da Independência foi ainda mais dura que suportar este sol de hoje. Por isso sabem valorizá-la.

Vocês todos, aqui presentes, representam o povo inteiro, representam a vontade e a força do Homem moçambicano do Rovuma ao Maputo. (APLAUSOS PROLONGADOS).

A vossa presença aqui demonstra o alto nível de consciência política que já atingiram. Estão aqui moçambicanos de diferentes raças, prova de que a República Popular de Moçambique não é de raças, é de moçambicanos. Ouviram? (**Ouvimos!**)

Vocês mostraram que têm uma alta disciplina, que têm mais disciplina do que eu, que sou soldado. (APLAUSOS E RISOS).

Eu teria caído, teria desmaiado, mas vocês ainda têm força para cantar e dançar, para se alegrarem.

Em nome do povo inteiro, do Rovuma ao Maputo, dizemos khanimambo! (APLAUSOS).

Em nome do Governo da República Popular de Moçambique, khanimambo! (APLAUSOS).

Em nome do nosso Partido, o nosso grande Partido Frelimo, que une todos nós, khanimambo! (APLAUSOS).

Vocês demonstraram que venceremos os bandidos armados, demonstraram que estamos unidos na luta contra os inimigos da nossa Independência e do nosso progresso.

Muito obrigado a todos.

A Luta Continua!

Tiragem: 10 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 0530/INLD/85
Composto e Impresso na Tip. «Notícias»
MAPUTO
República Popular de Moçambique
Janeiro de 1985

1985—ANO DO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA